

Paulo Lisboa

—

Um esqueleto entra no bar...

26.11 \ 2020  
20.03 \ 2021

# Paulo Lisboa

## Um esqueleto entra no bar...

— PT —

26.11 \<sup>20</sup> — 20.03 \<sup>21</sup>

Silhuetas emergem de uma bruma densa e luminosa. Esferas dissolvem-se em parenteses, átomos hipertrofiados do tamanho de melões, lingotes de carne lunar e, depois, bocais e mamilos estranhos, como se o Ser fosse algo imaterial, líquido, a escorrer de um tubo. A etimologia de galáxia é gala, a palavra grega para leite.

Talvez estas imagens sejam distrações. Epifenomenais à sua própria realidade, pequenos grãos de escuridão que criam luz pela sua oposta ausência: átomos de carbono sobre o vazio do alumínio.

O carvão e a folha metálica tornam-se metáfora pela sua própria especificidade, mas sob a beleza da sua forma projectada está apenas um esboço de densidade e demarcação.

Será aquilo um halo sem santo ou anel de saturno isolado? O prepúcio de Cristo ou um fragmento casual de matemática? Quando os intervalos são puramente uma questão de proporção relativa, será que o tamanho importa?

Imagens que consistem em nada mais que luz manipulada, de inexorável perfeição, a metáfora mais antiga de todas – dia e noite, bem e mal, a luz como Ser e escuridão como não-Ser – o mesmo em complexidade crescente, mas o que é que isso interessa?

Yin e Yang entram num bar. Yin diz bebo uma caneca desse Ser, Yang diz tomo o mesmo, mas quero uma Weissbier e uma Schwarz. Cerveja preta com espuma branca, cerveja branca com preta. Os alemães sempre tiveram uma queda para a ontologia. O barman pergunta porque é que o monge Zen não aspirou os cantos do quarto? Não sei, diz um, porquê? Porque não tinha acessórios. Tem graça, diz o outro. E a harmonia é restaurada.

O vazio\* pode ser transformado em verbo\*\*, mas geralmente, é um substantivo ou adjectivo. Como na antiquada platitude cosmológica “a natureza abomina o vazio.” Sabemos agora não ser

verdade. A maior parte do universo é vazio, vazio em expansão, a luz capturada na sua expansão, estendendo e alterando-se para vermelho como o feixe luminoso de uma sirene. Para ser franco, o movimento das estrelas ultrapassa-me.

O antigo filósofo Demócrito, que ainda é lembrado pelo seu atomismo austero, (uma espécie de física quântica prototípica), também era conhecido pela sua gargalhada persistente perante o absurdo de pensarmos que sabemos seja o que for. Não existe nada além de átomos e vazio, escreveu. O resto é opinião.

Se a arte deve ser simultaneamente simples e complexa, ela parece estar a cumprir a sua tarefa.

X

texto \ Alan Fishbone  
 Novembro 2020

A tradução do texto para Português não foi feita ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico

\*Nota de tradução:

No texto original, o termo utilizado é *vacuum* (vácuo), fazendo um jogo de palavras entre o acto de aspirar (*to vacuum*; citado no parágrafo anterior) e o conceito de *vácuo*, *vazio*.

Por uma questão de dificuldade na correspondência entre as línguas, inglês e português, optou-se por adoptar o termo *vazio* como tradução de *vacuum*.

\*\*Como em *esvaziar*.



# Paulo Lisboa

## A skeleton walks into a bar...

— EN —

26.11 \<sup>20</sup> — 20.03 \<sup>21</sup>

The ancient philosopher Democritus, who is still known for his austere atomism, (a kind of prototypical quantum physics), was also known for his persistent laughter at the absurdity of thinking we know anything. There is nothing but atoms and void, he wrote. The rest is opinion.

If art should be both simple and complex at the same time, then he seems to be doing his job.

Silhouettes emerge from a dense and luminous fog. Spheres dissolving into parentheses, hypertrophied atoms the size of melons, ingots of moon-flesh, then strange nozzles and nipples, as if Being were an immaterial fluid oozing from a tube. The etymology of galaxy is gala, the Greek word for milk.

X

Perhaps these images are distractions. Epiphenomenal to their own reality, which is granules of darkness creating light by their opposite absence: carbon atoms on blank aluminum void.

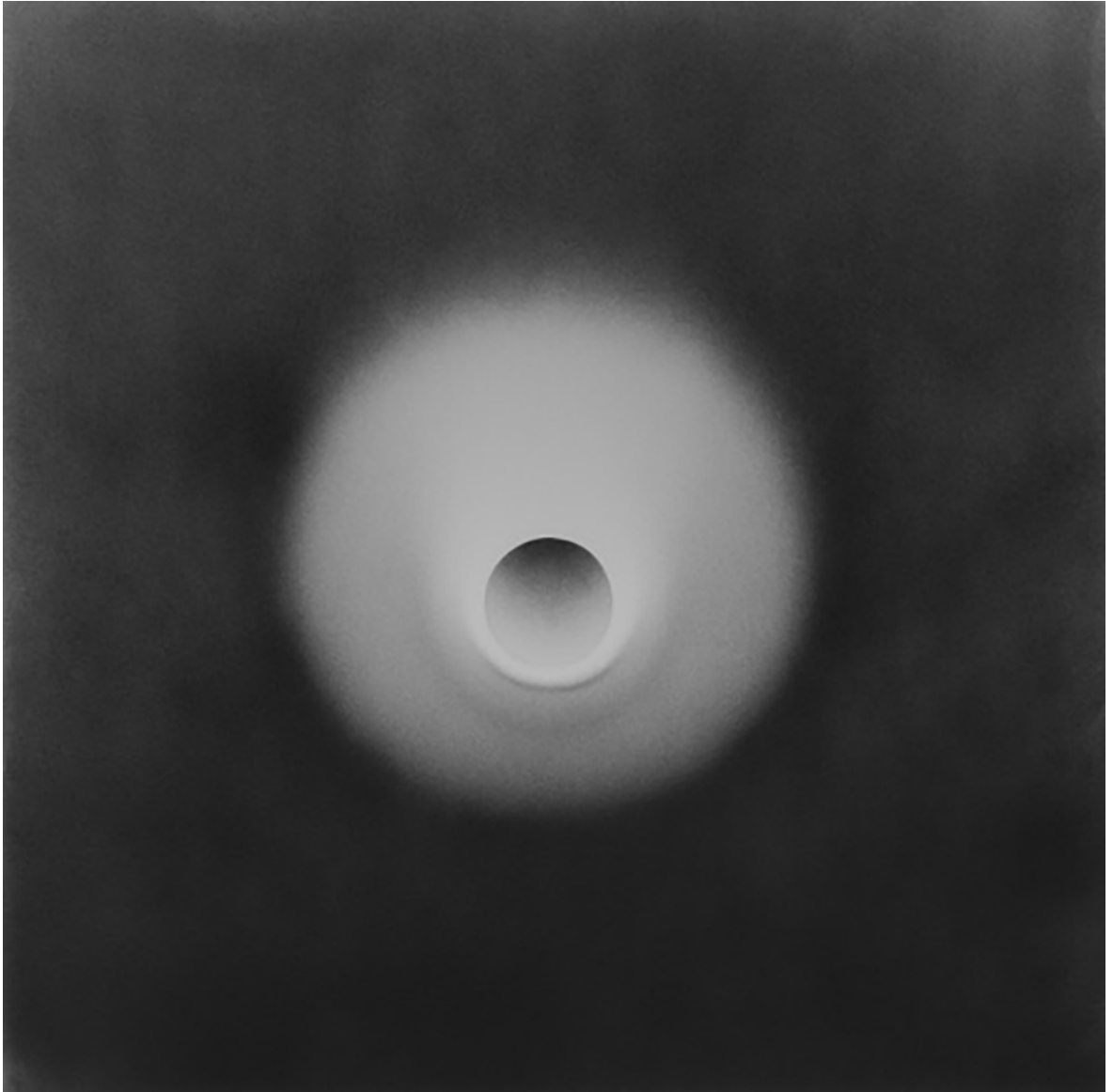
The charcoal and sheet metal are rendered metaphorical by their own specificity, but under the beauty of their projected form is just a graph of density and location.

Is that a saint-less halo or a detached ring of Saturn? Christ's foreskin or a casual shard of mathematics? Where intervals are purely a question of relative proportion, does size matter?

Images consisting of nothing but manipulated light, of inexorable perfection, the oldest metaphor of all- day and night, good and evil, that light is being and darkness nonbeing- the same thing in increasing complexity, but who cares?

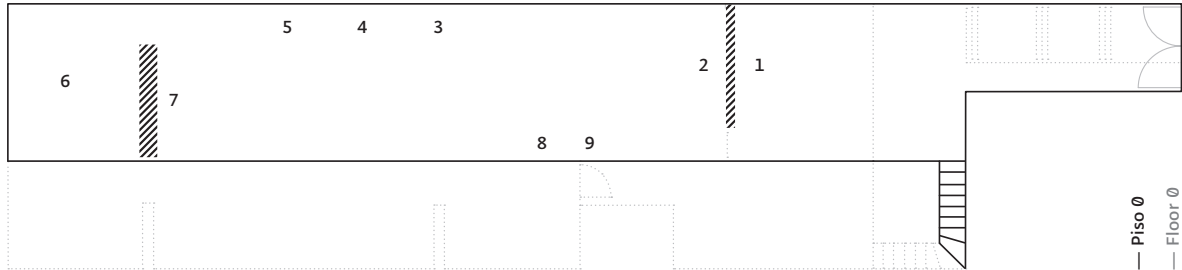
Yin and Yang walk into a bar... Yin says I'll have a pint of that Being, Yang says I'll have the same, but make mine a Weissbier and the other a Schwarz. Black beer with white foam, white beer with black. The Germans have always had a flair for ontology. Bartender says why didn't the Zen monk vacuum the corners of his room? I don't know, says the one, why? Because she didn't have any attachments. That's funny, says the other. And harmony is restored.

Vacuum can be a verb, but usually, it's a noun. As in the antiquated cosmological platitude "nature abhors a vacuum." We know now that this is untrue. Most of the universe is emptiness, expanding emptiness, the light caught in its expansion, stretching and shifting to red like the beams of a siren. To be honest, the movement of stars is beyond me.





11 \ *Sem Título*, 2020, Projector Reflecta Diamator AF/MC, Esferas de vidro cristal, Dimensões variáveis  
*Untitled*, 2020, Reflecta Diamator AF/MC projector, crystal glass spheres, Variable dimensions  
Fotografia \ Photography Bruno Lopes



## Legenda:

— PT —

## Piso 0

1 \ *Sem título*, 2020, Carvão sobre alumínio,  
145 × 130 cm

2 \ *Sem título*, 2020, Carvão sobre alumínio,  
130 × 130 cm

3 \ *Sem título*, 2020, Carvão sobre alumínio,  
130 × 130 cm

4 \ *Sem título*, 2020, Carvão sobre alumínio,  
130 × 130 cm

5 \ *Sem título*, 2020, Carvão sobre alumínio,  
130 × 130 cm

6 \ *Sem título*, 2020, Instalação, Rede de alumínio,  
esferas de quartzo, esferas de cristal K9, tripés,  
projector de slides, Dimensões variáveis

7 \ *Sem título*, 2020, Carvão sobre alumínio,  
200 × 130 cm

8 \ *Sem título*, 2020, Carvão sobre alumínio,  
200 × 130 cm

9 \ *Sem título*, 2020, Carvão sobre alumínio,  
200 × 130 cm

## Captions:

— EN —

## Floor 0

1 \ *Untitled*, 2020, Charcoal on aluminium,  
145 × 130 cm

2 \ *Untitled*, 2020, Charcoal on aluminium,  
130 × 130 cm

3 \ *Untitled*, 2020, Charcoal on aluminium,  
130 × 130 cm

4 \ *Untitled*, 2020, Charcoal on aluminium,  
130 × 130 cm

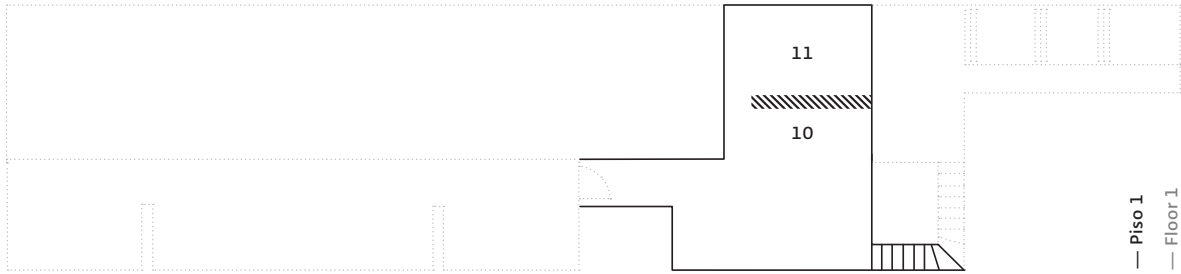
5 \ *Untitled*, 2020, Charcoal on aluminium,  
130 × 130 cm

6 \ *Untitled*, 2020, Installation, Aluminium mesh,  
quartz spheres, K9 crystal spheres, tripods,  
slide projector, Variable dimensions

7 \ *Untitled*, 2020, Charcoal on aluminium,  
200 × 130 cm

8 \ *Untitled*, 2020, Charcoal on aluminium,  
200 × 130 cm

9 \ *Untitled*, 2020, Charcoal on aluminium,  
200 × 130 cm



Piso 1

10 \ *Sem título*, 2020, Carvão sobre alumínio,  
150 × 200 cm

11 \ *Sem título*, 2020, Instalação, Esferas de cristal  
K9, projector de slides, Dimensões variáveis

Floor 1

10 \ *Untitled*, 2020, Charcoal on aluminium,  
150 × 100 cm

11 \ *Untitled*, 2020, Installation, K9 crystal  
spheres, slide projector, Variable dimensions



**Paulo Lisboa** (Lisboa, 1977)

Com uma grande economia de operações e também num espaço medial bastante preciso, a obra de Paulo Lisboa experimenta, com sistematicidade e rigor, um conjunto de ambiguidades e de oscilações em torno do desenho, ambiguidades que vão da absoluta ausência de imagem ao simulacro, da mancha à linha, de uma espacialidade etérea à presença saturada da matéria. Estas oscilações e ambiguidades mantêm a sua obra numa zona inquietante de mistério, mas também, ao mesmo tempo, num território laboratorial, marcado por uma experimentação muito consistente e por um grande disciplinamento do gesto artístico.

A sua obra não obedece a um programa medial, mas as suas operações, ou modos de fazer arte, não abandonam uma meditação da matéria e do gesto, pelos quais toda a experiência cultural se constitui. A materialidade surge decomposta e resintetizada nos seus desenhos a traço, como a antevisão de uma nova idade da pedra (filosofal) ou do design da própria natureza, para o qual nos encaminhamos. Paralelamente, a manipulação de velhas máquinas modernas da imagem e da sua fantasmagoria da luz, é convertida em congeminção mecânica do seu próprio desenho. Em cada traço da obra de Paulo Lisboa é retraçado o mistério da relação entre o gesto, a matéria e o pensamento.

**Paulo Lisboa** (Lisbon, 1977)

With a great economy of operations and also in a very precise medial space, Paulo Lisboa's work experiences, with systematicity and rigor, a set of ambiguities and oscillations around the drawing, ambiguities that go from the absolute absence of image to the simulacrum, from stain to the line, from an ethereal spatiality to the saturated presence of matter. These oscillations and ambiguities keep his work in an unsettling area of mystery, but also, at the same time, in a laboratory territory, marked by a very consistent experimentation and a great discipline of artistic gesture.

The artist's work does not obey a medial program, but his operations, or ways of making art, do not abandon a meditation on matter and gesture, by which all cultural experience is constituted. Materiality appears decomposed and resynthesized in his line drawings, like the preview of a new stone age (philosophical) or the design of nature itself, to which we are heading. At the same time, the manipulation of old modern image machines and of their phantasmagoria of light, is converted into a mechanical congemination of their own design. In each line of Paulo Lisboa's work, the mystery of the relationship between gesture, matter and thought is retraced.

**Alan Fishbone** é um escritor que vive e trabalha num veleiro na cidade de Nova York. Estudioso de literatura clássica, Fishbone tenta incorporar e renovar aspectos da linguagem e da literatura antigas nos seus próprios textos.

**Alan Fishbone** is a writer who lives and works on a sailboat in New York City. A trained Classical scholar, he tries to incorporate and renovate aspects of ancient language and literature in his own writings.

Ficha técnica  
Credits

**Direção**  
Director  
Miguel Leal Rios

**Desenho Gráfico**  
Graphic Design  
MIGUELRIOS™ DESIGN

**Texto**  
Text  
Alan Fishbone

**Paginação**  
Pagination  
João Silva  
c/ João M. Machado

**Tradução**  
Translation  
Aviva Obst

**Produção**  
Production  
Fundação Leal Rios  
UMA LULIK\_

**Direcção de Produção**  
Production Direction  
Inês Teixeira

**Montagem**  
Setup  
Patrick Couto  
Fernando Lopes  
Belvana, Lda.  
– Produção de Vinil

Produção \ Production



**Visitas à exposição**  
Exhibition visits

**Quintas a Sábados**  
14:30h — 18:30h  
—  
Thursdays untill Saturdays  
2:30 pm. — 6:30 pm.

**Fundação Leal Rios**

[www.lealriosfoundation.com](http://www.lealriosfoundation.com)  
Rua do Centro Cultural, 17-B  
1700-106 Lisboa, PORTUGAL  
T \ +351 210 998 623  
F \ +351 218 822 574  
E \ [contact@lealriosfoundation.com](mailto:contact@lealriosfoundation.com)

**Transportes**  
Transportation

**Autocarros**  
Buses  
717 — 731 — 735 — 745  
— 750 — 755 — 767

**Metro**  
Subway

**Linha Verde (Estação: Alvalade)**  
Green Line (Station: Alvalade)